

## NOVOS MANUAIS PEDAGÓGICOS, o *DE ARTE RHETORICA* DE CIPRIANO SOARES (COIMBRA, 1562)

BELMIRO FERNANDES PEREIRA  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
ORCID: 0000-0002-0513-0926

**RESUMO:** A inadequação pedagógica dos tratados antigos, a sua excessiva extensão, obscuridade ou incompletude, tornara-se um *topos* humanista ao longo do séc. XVI. Para a caracterização da pedagogia jesuítica muito contribuíram a história pessoal de Stº Inácio, textos fundadores como as *Constituições*, os *ordines studiorum*, as várias versões da *Ratio*, o magistério de pedagogos como Pedro Perpinhão e Cipriano Soares. A pedagogia retórica já nos primeiros colégios ganha espaço fundamental e a aquisição da *eloquentia* constitui-se como um dos objetivos a alcançar em todos os graus de ensino. Neste capítulo procurar-se-á perceber que expectativas, que objetivos e resultados a elaboração do compêndio do P. Cipriano Soares visou satisfazer. Fixando os textos antigos como únicos e exclusivos recursos escolares, o *De arte rhetorica* substituiu as artes de Vaseu e Ringelberg por uma espécie de seleta de retores clássicos, via rápida para a proficiência oratória. Cipriano Soares exclui os modernos em nome de uma desejada ortodoxia estética equivalente à ortodoxia doutrinal. Assim se tornou o *De arte rhetorica* texto oficial da Companhia, mantendo viva e a funcionar a teoria clássica, ainda no final do séc. XVI, na *Ratio Studiorum* e na retórica de Soares. Por fim, importará averiguar se o compêndio publicado em Coimbra em 1562 influenciou ou não a vastíssima produção retórica dos Padres da Companhia no século seguinte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cipriano Soares, *De arte rhetorica*, pedagogia jesuítica, humanismo, retórica clássica, retórica jesuítica.

**ABSTRACT:** The pedagogical inadequacy of the ancient treatises – be it their excessive length, obscurity, or incompleteness – had become a *topos* for 16<sup>th</sup>-century humanists. Jesuit pedagogy was shaped by the personal history of St. Ignatius, by foundational texts such as the *Constitutiones*, *ordines studiorum*, *Ratio*'s numerous versions, and by the teachings of educators like Pedro Perpinhão and Cipriano Soares. Rhetorical pedagogy played a fundamental role even in the early colleges and the mastery of *eloquentia* became one of the central objectives at all levels of study. In this chapter we will try to understand what expectations, objectives, and outcomes Cipriano Soares's collection sought to provide. By establishing ancient texts as the sole and exclusive educational resource, *De arte rhetorica* replaced the manuals of Vasaeus and Ringelberg with a sort of digest of classical rhetoricians, providing a fast track to oratorical proficiency. Cipriano Soares excludes modern authors in the pursuit of a desired aesthetic orthodoxy equivalent to doctrinal orthodoxy. Thus, *De arte rhetorica* became the official text of the Society of Jesus. As a result, by the end of the 16<sup>th</sup> century, classical theory remained alive and operational in the *Ratio Studiorum* and Soares's rhetoric. Lastly, we shall

ascertain whether the compendium published in Coimbra in 1562 influenced the vast rhetorical production of the Fathers of the Society in the following century.

KEYWORDS: Cipriano Soares, *De arte rhetorica*, Jesuit pedagogy, humanism, classical rhetoric, Jesuit rhetoric.

Para ser útil, uma arte, ou conhecimento aplicado, precisa de ter uma intenção (*skopos*) e de procurar uma finalidade (*telos*). A sua eficácia, a realização do fim procurado, depende da disponibilidade de certos meios e do rigor dos procedimentos. O saber abstraído da experiência, *theoria*, reclama formas de produção, *poiesis*, validadas pela *praxis*, pela exercitação. Importa, portanto, reduzir o saber a matérias essenciais, a um método, a uma via de aquisição rápida do conhecimento. Assim, qualquer *arte*, ordenação lógica do conhecimento, tanto se alça à forma longa de tratado, com pretensões de exaustividade, como se circunscreve à modesta dimensão de *vademecum*, de manual dirigido, como sói dizer-se, ao ‘processo de ensino-aprendizagem’. Se uma arte não pode deixar de constituir uma *disciplina* e respetiva *doctrina*, o *manuale* serve, pois, para transmitir o essencial desse conhecimento. De facto, a palavra latina designava a pequena caixa de madeira que servia para transportar um livro; *manuale* tanto significava estojo de livro, como livro pequeno ou livro portátil. Manual, versão do diminutivo grego *enkheiridion*, na Antiguidade intitulava a obra de Epicteto. No Renascimento veio a ganhar enorme fortuna depois da publicação em 1501 do *Enchiridion militis christiani*, o *Manual do soldado cristão* de Erasmo que se tornou *best-seller* a partir de 1516. Da esposa do rei de armas da corte da Borgonha que o encomendou Erasmo recebeu uma espada. A troca decerto a nenhum dos dois aproveitou.

Manual, no sentido de livro de uso, circulava na língua portuguesa pelo menos desde 1549, data da publicação do anónimo e primeiro *Manual de Confessores e penitentes*, título vulgarizado por Azpilcueta Navarro em 1560. Multiplicando-se as acepções da palavra, manual agora aplica-se a livro de pequeno formato que contém noções de uma disciplina ou técnica, a programa escolar, livro devoto, breviário, a livro didático em geral; mas também se refere a conjunto de instruções para a execução de certas tarefas, a guia prático, sentido que o nosso tempo alargou a folhetos que acompanham produtos ou aparelhos complexos, como manual de instalação ou de uso e conservação.

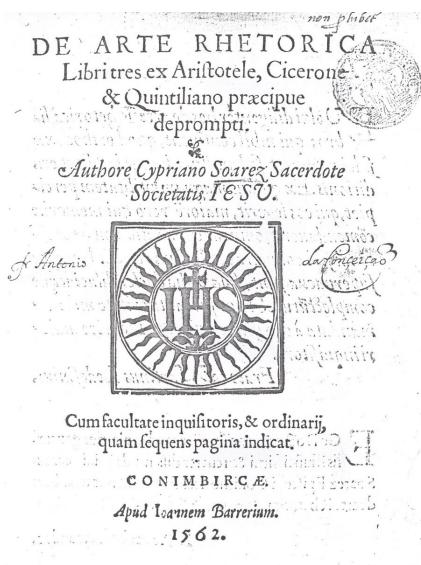
Todos os significados acima referidos comparecem com maior ou menor incidência nos manuais pedagógicos de retórica. A *paideia* dos gregos ganha estabilidade, *stasis*, quando se instituem as escolas, com estatutos que implicitamente asseguram a transmissão de saberes codificados em artes. A *techne/ ars*, convém lembrar, cobria, pelo menos até ao séc. XVIII, um âmbito mais vasto do que hoje. Não se circunscrevia a manifestação estética suscetível de juízos de valor. Pelo contrário, como observara Aristóteles, podia aplicar-se a qualquer conhecimento que resultasse de um método e não apenas do acaso ou da experiência. Afinal este é o ponto em discussão nos diálogos platônicos sobre

retórica. A crítica socrática ao ensino dos sofistas nega que a retórica por estes ensinada seja arte, antes a depreciando como *empeiria kai tribe*, experiência e rotina (Górgias 462b-463d).

Deste modo surge a *techne rhetorike* no séc. V a. C., a par de outras artes da palavra, nas novas escolas, como saber aplicado, como técnica oratória, como ofício, que precisa de instrumentos pedagógicos, de discursos modelares ou manuais que resumam as doutrinas mais conspícuas e seus preceitos. Se a estes juntarmos os tratados que, depois da *Retórica* de Aristóteles percorrem com maior ou menor detalhe as partes da arte, bem assim as grandes encyclopédias de arte oratória, temos o acervo das cerca de vinte e cinco obras supérstites que constituem o *corpus* da chamada retórica clássica<sup>1</sup>.

Ora é precisamente em relação a este legado dos antigos que pouco a pouco se formam os manuais escolares, os compêndios de retórica característicos da pedagogia dos jesuítas e, entre eles, o *De arte rhetorica* de Cipriano Soares consagrado pela *Ratio Studiorum* de 1599 como texto oficial nos colégios da Companhia.

Situando o manual de retórica no quadro da pedagogia jesuítica convirá agora considerar que objetivos e resultados procurava o P. Cipriano Soares alcançar com a elaboração deste compêndio. Por outro lado, se a exercitação da eloquência ganhou papel central no ensino regulado pela *Ratio Studiorum*, pelo Regulamento dos Estudos, interessará também indagar que relevância teve ou não o *De arte rhetorica* na caracterização da retórica jesuítica. [imagem da edição príncipe de 1562]



<sup>1</sup>Vd. T. H. JOHANSEN (ed.), *Productive Knowledge in Ancient Philosophy: The Concept of Technē*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021, pp. 1-85 e 131-165.

Entre os fatores que intervieram na definição da pedagogia jesuítica contam-se a história pessoal do próprio Santo Inácio, textos fundadores como as *Constituições* ou os *ordines studiorum* dos primeiros colégios que hão-de desaguar nas várias versões da *Ratio Studiorum* e, por fim, que não por último, a ação de pedagogos como Pedro Perpinhão e Cipriano Soares, os padres que mais contribuíram para a configuração do ensino retórico.

O fruto maior do percurso espiritual de Santo Inácio, guia definitivo do novo Instituto, encontra-se no livrinho dos *Exercícios Espirituais*, um método de discernimento que da *exercitatio* conduz à *imitatio*, via de acesso aos textos bíblicos ordenados para a missão segundo critérios de eficácia, razões que fazem deste manual «a primeiríssima fonte donde derivam todas as demais»<sup>2</sup>.

Se os *Exercícios Espirituais*, como sugeria Santa Teresa de Ávila, mais não fazem do que pôr os textos dos Evangelhos em ordem de batalha, o mesmo se poderá dizer dos textos dos retores clássicos que o P. Cipriano escolhe e ordena no *De arte rhetorica*. Donde provém esta aguda consciência da necessidade de um método para persuadir?

Quando em 1534 Santo Inácio e os primeiros companheiros formulam o voto de se reunirem em Veneza assim que concluam os estudos, para daí se fazerem de vela para a Terra Santa, ou para se apresentarem ao Papa, caso não conseguissem passagem para o destino desejado, já então marcava a ordem nascente a educação retórica recebida no colégio de Santa Bárbara, que se manifesta nessa atenção ao *kairos*, na observância dos princípios do *decorum* retórico, na necessidade de adequação às circunstâncias<sup>3</sup>.

A razão do sucesso da Companhia de Jesus residirá precisamente nessa combinação que procurará fazer entre segurança doutrinal e uma dinâmica de contínua adaptação. A sujeição das normas a um tempo de prova antes de lhes dar forma oficial, a abstração de princípios a partir da prática distinguem o modo de atuação da Companhia, como se pode ver na elaboração das *Constituições*, que só têm texto definitivo após duas décadas de experiência, ou no longo processo de 50 anos que conduziu à versão definitiva da *Ratio Studiorum* de 1599<sup>4</sup>. O princípio do *aptum* retórico repercute-se na teoria educativa da Parte IV das Constituições que se apresenta não como código de normas rígidas, mas como conjunto de diretrizes a realizar conforme as circunstâncias: de acordo com a geografia e as estações do ano «poderá haver variedade na ordem e nas horas que

<sup>2</sup> Vd. A. DEMOUSTIER, «L'originalité des Exercices Spirituels», *Les jésuites à l'âge baroque*, ed. L. Giard, Grenoble, Millon, 1996, pp. 23-35, e C. LABRADOR HERRAIZ, «Estudio histórico-pedagógico», *El sistema educativo de la Compañía de Jesus. La 'Ratio Studiorum'*, Madrid, UPCÓ, 1992, pp. 17-58.

<sup>3</sup> Vd. R. MODRAS, *Ignatian Humanism*, Chicago, Loyola Press, 2004, pp. 51-84.

<sup>4</sup> Vd. *Monumenta Ignatiana. Constitutiones et Regulae Societatis Iesu*, vol. I: *Monumenta Constitutionum praeuia*, Roma, 1934; vol II: *Constitutiones Societatis Iesu. Textus hispanus*, Roma, 1936; vol. III: *Constitutiones Societatis Iesu. Textus latinus*, Roma, 1938.

se gastam nos estudos» (4.13.2)<sup>5</sup>; na eleição de autores, escolher-se-ão «os que mais convenham para o nosso fim»; na seleção das obras a ler, escolham-se aquelas que «pareçam mais adequadas a estes nossos tempos» (4.14.1)<sup>6</sup>.

O cuidado em adaptar a palavra e a ação às circunstâncias de pessoa, tempo e lugar torna-se, portanto, um traço distintivo, de tal maneira que John O'Malley vai ao ponto de afirmar que «a vertente retórica da missão da Companhia ultrapassava em muito a pregação, o ensino ou mesmo a casuística, antes se constituía como princípio basilar de todos os ministérios». Tal marca, que as Constituições designam como *noster modus procedendi*, mais do que capacidades inatas, mais do que a arte, valoriza a *exercitatio*, gerando uma pedagogia extremamente seletiva e em certo sentido utilitarista. É assim que se legitimam as humanidades greco-latinas, pela utilidade, contanto concorram para a formação cristã. «Não se ensine nada da literatura pagã que contenda com a moral, de tudo o mais poderá servir-se a Companhia como dos despojos do Egito»<sup>7</sup>. Privilegiaram-se a *eleição* de meios ajustados aos fins pretendidos, a fixação duma *via*, do método, a redução ao essencial, *non multa sed multum*, a repetição, a *exercitatio plurima* centrada no discurso escrito e oral, a emulação permanente. Nisto não se afastavam os jesuítas da prática das escolas protestantes onde também se insistia na necessidade de reduzir o estudo ao essencial, enfatizando a exercitação dos preceitos. Como as retóricas clássicas não se prestavam a esse ensino essencial, sistemático, nas escolas da Europa do Norte preferiam-se os manuais de Melanchton, Mosellanus ou de Georg Meier. Outra foi a solução encontrada pelos mestres da Companhia<sup>8</sup>.

Em 1548, no mesmo ano em que era inaugurado em Coimbra o Colégio das Artes, abria na Itália o Colégio de Messina, a primeira escola pública da Companhia de Jesus. As características do ensino jesuítico ficam vincadas, o *modus parisiensis*, a sequência de pelo menos cinco classes que culmina na classe de retórica, a exercitação diária, as repetições semanais, as composições escritas, as disputas e exibições públicas, o ensino gratuito. Redigiu o P. Nadal para a nova fundação normas que fixam o perfil das futuras escolas da Companhia. Quando passar a dirigir o *Collegio Romano*, durante a década de sessenta, Nadal intensificará a produção de textos normativos: o P. Ledesma redige então um *De ratione et ordine*

<sup>5</sup>Vd. *ibidem*, pp. 284-285.

<sup>6</sup>Vd. *ibidem*, pp. 294-297.

<sup>7</sup>«in libris ethnicis litterarum humaniorum nihil, quod honestati repugnet, praelegatur. Reliquis, ut spoliis Aegypti, Societas uti poterit», *Mon. Paed.*, t. I, pp. 222-223; vd. J. O'MALLEY, *The First Jesuits*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1993, p. 255. Foi inúmeras vezes glosado, mas não por todos os pedagogos e tratadistas, o tópico dos *spolia Aegypti* que estava já no *De Doctrina Christiana* de Santo Agostinho, «praecepit Dominus filiis Israel ut spoliarent Aegyptios auro et argento, moraliter instruens ut siue aurum sapientiae, siue argentum eloquentiae apud poetas inueniremus, in usum salutiferae eruditiois uertamus» (*DDC*, 2.40.60-61).

<sup>8</sup>Vd. *Const. 4.6.10-14* e Dilwyn KNOX, «Order, Reason and Oratory: Rhetoric in Protestant Latin Schools», *Renaissance Rhetoric*, ed. P. Mack, New York, St. Martin's Press, 1994, pp. 63-80.

*studiorum*; Nadal e Perpinhão compõem em 1565 a chamada *Ratio borgiana* que, estendida em 1569 a todas as províncias, constitui o *modus comum* de ensino das Humanidades que, com o P. Acquaviva como Geral, resultará na *Ratio Studiorum*.

Ora nesta pedagogia a aquisição da *eloquentia* constitui um dos fins a alcançar em todos os graus dos estudos. Já nas classes de gramática ocupam papel central a recitação, memorização e estudo de trechos ciceronianos, tendo em vista a *Tulliana imitatio*<sup>9</sup>. Mas que todo o escopo da aprendizagem residia no aperfeiçoamento da eloquência comprovam-no sobretudo as disposições relativas ao professor de humanidades. Diz a 1<sup>a</sup> regra: «o objectivo a alcançar neste nível é o de preparar o terreno para o estudo da eloquência; o que se pode conseguir de três formas; através do domínio da língua, de uma certa erudição, e do conhecimento sumário dos preceitos da arte retórica»<sup>10</sup>. Por *cognitio linguae* entende-se a *proprietas* e a *copia, uirtutes* caras aos ciceronianos. O cânones não pode ser mais claro, dos oradores tomar-se-á apenas Cícero, dos poetas sobretudo Virgílio. É flagrante a afinidade com os cânones propostos por Erasmo (*De ratione studii*) e por Luís Vives (*De tradendis disciplinis*). Os planos de estudos, os preceitos relativos à disciplina, repetições e prémios que prescreveram Calvino, Melanchthon ou Sturm não diferem destes que os jesuítas vieram a aplicar. Aliás, estranho seria o contrário, pois todos sofreram influência do ambiente de Santa Bárbara<sup>11</sup>. Embora a retórica dos jesuítas exclua os autores modernos, estipulando a *Ratio* que se evitem «opiniones inutiles, obsoletas, absurdas, manifesto falsas», não faltam coincidências com o humanismo norte-europeu. Na classe de humanidades, diz a *Ratio*, um dos objetivos era o «conhecimento sumário dos preceitos da arte retórica»: estudavam-se os preceitos no compêndio do P. Cipriano e, mais importante, aplicava-se esse conhecimento ao *Pro lege Manilia*, *Pro Archia* e *Pro Marcello*, isto é, às *orationes* ciceronianas que Melanchthon comentara<sup>12</sup>.

Em todo o processo que conduziu à elaboração da *Ratio* definitiva, como se sabe, foi grande o contributo da Província Portuguesa. Em Portugal os jesuítas dedicavam-se ao ensino público desde a inauguração do colégio de Santo Antão em 1553, mas foi a entrega do Colégio das Artes à Companhia em 1555 que acentuou definitivamente a vertente pedagógica da sua ação. Pelo *Catalogus lectionum Regii Gymnasii Conimbricensis* conhecemos o estado em que se encontrava o Colégio das Artes. Apesar dos processos inquisitoriais, mantinha-se o modelo dos tempos de André de Gouveia. No essencial há grande coincidência com os programas dos colégios de Messina, Palermo e Roma: estudavam-se os

<sup>9</sup> Vd. *Regulae professoris infimae classis grammaticae* (*Ratio*, XX), *maxime a norma da Praelectio Ciceronis* (XX. 6); *Ratio XVIII*.

<sup>10</sup> Vd. *Ratio XVII*. 1.

<sup>11</sup> Vd. *Mon. Paed.*, ed. L. Lukács, t. I, pp. 632-636.

<sup>12</sup> Vd. *Ratio IV*. 7, 12, 17-18, XII. 8 e *Ratio XVII*.

tratados ciceronianos e a *Eneida* nas classes adiantadas, Ovídio e as cartas de Cícero nas classes elementares<sup>13</sup>.

As *Litterae quadrimestres* dão conta da *instauratio* que ocorreu no dia 1 de Outubro de 1555, quando Coimbra inteira acorreu à abertura das aulas no Colégio das Artes e à oração inaugural do P. Pedro Perpinhão, que, dizem os jesuítas, se saiu airosoamente naquele lance difícil<sup>14</sup>. O relato refere os autores que os alunos de humanidades começaram a ouvir: Homero e Demóstenes nas classes de grego, Ovídio, Cícero e Virgílio nas classes de latim<sup>15</sup>. Não é verdade, portanto, que os jesuítas desfavorecessem o contacto com as fontes clássicas; pelo contrário, fixam os textos antigos como únicos e exclusivos recursos escolares e por isso em breve substituirão as artes de João Vaseu ou Joachim Ringelberg pela seleta de retores clássicos coligida por Cipriano Soares<sup>16</sup>. Os *catalogi lectionum collegii conimbricensis* dos anos de 1562-63 confirmam como continuou viva essa orientação humanista. Nas classes de grego liam-se os *Diálogos dos mortos* de Luciano, tão apreciados por Erasmo; nas classes mais avançadas de latim alternavam Virgílio e as *orationes* e tratados de Cícero, nas mais baixas Ovídio e as cartas ciceronianas. Na classe de humanidades, e na terceira, a mais elevada de gramática, estudava-se a *Rhetorica Patris Cypriani*, nos níveis mais elementares o *De octo partium orationis constructione libellus*<sup>17</sup>.

De facto, na vida do Colégio Real relevam mais as linhas de continuidade do que as alterações introduzidas após a entrega do Colégio à Companhia. Em 1555 o P. Perpinhão era já um orador consumado e por isso lhe foi confiada a oração de sapiência<sup>18</sup>. A questão crucial que Perpinhão se propõe tratar é o velho problema do *dissidium linguae et cordis*, um tema tão patrístico e erasmiano que exige constante remissão para Platão e Cícero: «por douto que seja, não tem autoridade, nem peso, o discurso que é refutado pelos costumes de quem o pronuncia». A coerência entre *ethos* e *logos* convém à retórica que busca a concordância entre fé e cultura, que distingue o bem e a aparência de bem, procedimentos platónicos que se ajustam a oradores treinados no *discernimento*. Em 1561 o P. Perpinhão é transferido para o Colégio Romano; três anos depois dispensam-no do trabalho letivo para compor comentários ao *De oratore* e à *Rhetorica* de Aristóteles,

<sup>13</sup> Vd. *Mon. Paed.*, I, pp. 644-645.

<sup>14</sup> Na antiga Roma *instauratio* designava a renovação ou restauração ritual de uma instituição que decaiu ou se degradou. Não confundir com *inauguratio*.

<sup>15</sup> Vd. *Mon. Paed.*, I, pp. 465-474.

<sup>16</sup> *Mon. Paed.*, III, pp. 56-59.

<sup>17</sup> Vd. A. Costa RAMALHO, *Luciano: Diálogos dos Mortos*, Coimbra, INIC, 1989, e *Mon. Paed.*, III, pp. 581.

<sup>18</sup> Vd. *De causis cur societas Iesu collegia publica suscipiat, Rexque Lusitaniae inuctis/ simus Joannes tertius conimbricense collegium/ illi tradiderit, et/ de eius docen/di ratione/oratio/ A P. Petro perpiniano/ Anno 1555 Kalendis Oct./* (BNL, Cód. 3308, pp. 1-17); vd. Helena TOIPA, *A obra de Pedro João Perpinhão em Portugal, ad maiorem Dei gloriam*, Viseu, UCP, 2000, pp. 233-277.

e preparar nova edição do manual de Cipriano Soares. Foi sem dúvida essa edição revista, publicada em Veneza em 1565, que permitiu consagrar os *De arte rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone & Quintiliano praecipue deprompti*, elaborados por Cipriano Soares, como texto de referência nos colégios da Ordem ainda antes de a *Ratio Studiorum* o fazer<sup>19</sup>.

Num dos paratextos da sua *Retórica*, na carta ao leitor, Cipriano Soares exclui os modernos em nome de uma desejada ortodoxia estética equivalente à ortodoxia doutrinal, uma e outra assentes na atitude humilde que procura *discernir* o consenso dos melhores autores e recusa a arrogância das opiniões individuais. Será esse o critério seguido, por exemplo, nos capítulos 7 e 8 do livro I. Tratando das partes da retórica, Soares rejeita a teoria daqueles que pretendem acrescentar o *iudicium* às cinco partes canónicas da arte. Por *iudicium* entenda-se não ‘inteligência’ mas sim a faculdade do juízo, o julgamento que corrige e aperfeiçoa o *ingenium*; a crítica que de *krisis* e *kritike* chega ao discernimento, à discrição dos ‘discretos’. Ao discutir a tríade de fatores em que assenta a pedagogia clássica (*physis/ natura, techne/ ars, praxis/ exercitatio*), Soares recusa-se a acrescentar-lhes a *imitatio*, preferindo submeter esta à *ars* e à *exercitatio*.

Se como recomendava Santo Inácio a resposta à heterodoxia religiosa passava pelo estudo atento da teologia positiva – a teologia positiva procura explicar integralmente a Revelação, a mesma refontalização, a mesma busca da *traditio* dos *maximi auctores* devia marcar a ortodoxia retórica. Por isso Cipriano Soares, como Perpinhão ou Tomé Correia, não esquece Platão na procura de um consenso que até sonega divergências entre os clássicos. Embora não figure explicitamente entre os autores antologiados, há mais Platão na retórica do P. Cipriano do que parece. Na referida carta ao leitor o mestre jesuíta não hesita em unir Platão, Aristóteles, Demóstenes e Cícero – na verdade a retórica ciceroniana todos associa – e não duvida em afirmar que «como toda a gente sabe a todos os autores antigos Platão ultrapassa-os em talento, saber e eloquência». «Que título de glória distinguiu Cícero na eloquência, na filosofia, senão o de imitar Platão, Aristóteles e Demóstenes?» É, pois, este Cícero platonizante do *De oratore* que interessa ao P. Cipriano – e a Paolo Manuzio e a Marc-Antoine Muret – e não o Cícero *literato* da versão quintilianista.

Como muitos outros, também os jesuítas sentiam agudamente o problema da excessiva extensão, obscuridade ou incompletude dos tratados antigos, ideia de inadequação pedagógica que se tornara um *topos* humanista. Em 1511, apresentando a edição complutense de Jorge de Trebizonda, Herrera valoriza o manual do imigrado bizantino por ser menos farragoso, isto é, menos confuso,

<sup>19</sup> Vd. *De arte rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone & Quintiliano praecipue deprompti. Authore Cypriano Soarez Sacerdote Societatis Iesu, Coimbra, apud Ioannem Barrerium, 1562* (BPMP, Y'-2-55). Em 1564 a seleta do P. Soares já era usada pelo menos em Coimbra, Évora, Lisboa e Roma.

desordenado, indigesto do que Quintiliano e mais explícito do que Cícero. Quatro anos depois, opondo-se ao cretense, Nebrija promete máxima fidelidade às doutrinas dos antigos, não sem notar a falta de um *opus introductorym* em matéria tão difícil<sup>20</sup>. Já Luís Vives, antecipando a iconoclastia ramista, ao elencar as fontes clássicas da retórica, observa no *De tradendis disciplinis* que toda essa tratadística, sem exceção, segue orientações confusas, desordenadas ou impraticáveis. Este tipo de reflexões motivou intensa produção retórica a partir do segundo quartel de Quinhentos, sobretudo na área do humanismo renano-flamengo; a *Collectanea Rhetorices* de João Vaseu, editada em 1538 em Salamanca para alunos portugueses, ou a *Rhetorica* de Joachim Ringelberg publicada em Coimbra em 1550, no ano dos processos contra os bordaleeses, ainda se situam neste contexto. A influência ramista prolongou a tendência: no *De arte dicendi* (1556) Sánchez de las Brozas declara ter composto obra nova a partir de Cícero, Quintiliano, Hermógenes e Aristóteles, frisando a natureza do seu manual, ‘é para que fique bem clara a minha intenção, não vou compor um compêndio, mas sim uma arte’<sup>21</sup>.

Repto o que já escrevi noutras ocasiões. Não é correto afirmar-se que os jesuítas substituíram o contacto com as fontes clássicas pelo uso de manuais modernos. Outros publicaram e usaram os compêndios de Clenardo, Vaseu, Ringelberg e Trebisonda. Na verdade, o caso do *De arte rhetorica* de Cipriano Soares é bem elucidativo: longe de afastar os alunos do convívio com os tratadistas antigos, pretendia ao invés facilitar esse acesso proporcionando um *digest* que se limitava a ordenar em termos de eficácia pedagógica os trechos escolhidos dos retores greco-latinos.

A necessidade de uma propedêutica retórica teve no P. Cipriano uma resposta singular, de acordo com as instruções recebidas dos superiores: em vez de novidades oferece as doutrinas mais aceites pelos antigos; em vez de uma arte compõe um compêndio. No prefácio ao leitor Cipriano Soares diz que resumiu a doutrina dos clássicos empregando as suas próprias palavras e fazendo-as acompanhar de exemplos que facilitem a aprendizagem da tópica da argumentação, dos modos de amplificação, das formas estilísticas e do ritmo do discurso<sup>22</sup>.

No livro I, de *inuentione*, fase da elaboração do discurso que permite encontrar os pensamentos adequados à matéria, trata dezasseis *argumentorum loci* (lugares comuns, *sedes argumentorum*, não confundir com *cliché*, metáfora

<sup>20</sup> Vd. *Artis Rhetoricae compendiosa coaptatio ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano, Antonio Nebrissensi concinnatore*, Alcalá, Guillen de Brocar, 1515 (BNM, R/1775; Alcalá, Miguel de Eguia, 1529: BNM, R/14395).

<sup>21</sup> «Et ut rectius instituti mei constet ratio, non compendium scribo, sed artem».

<sup>22</sup> «Futurum enim existimabant, si id fieret, ut discipuli simul cum uulgaribus Rhetoricae praceptoribus illa magis recondita de argumentorum locis, de amplificatione, de orationis forma et numero perciperent». O manual devia ser *uia, ordo*, que preparasse os alunos especialmente nestas matérias; o plano da obra não é portanto de iniciativa individual antes resulta das necessidades sentidas em conjunto pelos mestres do colégio.

oitocentista posterior à invenção da fotografia), correndo também os pensamentos que deles se extraem *ad permouendos animos* (para persuadir o espírito, i. e., o entendimento e a vontade dos ouvintes).

Ocupa-se no livro II da *dispositio*, da ordenação ou estrutura do discurso, da doutrina dos *status*, do reconhecimento do estado da questão que antes de qualquer discurso permite escolher a posição mais adequada, estado conjectural, de definição ou de qualificação (*coniectura, finitio, qualitas, translatio*), enumerando ainda vários tipos de argumentos retóricos, raciocínio, entimema, indução, exemplo, epíquirema, sorites e dilema.

No livro III traz a doutrina da *elocutio*, não só a teoria dos tropos, das figuras de palavra e das figuras de pensamento, mas também a teoria do período e do ritmo oratório, a que junta por fim uma breve exposição sobre a *memoria* e a *pronuntiatio*.

A perspetiva retórica que preside a todo o compêndio revela-se logo nos capítulos iniciais. Diferentes concepções afastam os Padres Cipriano e Perpinhão. Este distingue o escopo, a função da arte, do seu télos, do seu fim, ordenando o *bene dicere para a persuasio*, Cipriano exclui tal concessão beletrística. Em 1562 o autor do *De arte rhetorica* escreve «*Rhetorica officium est dicere apposite ad persuasionem; finis persuadere dictione*, ‘a função da retórica é expressar-se da forma mais adequada tendo em vista a persuasão». Para o P. Cipriano a função da retórica não é *bene dicere*, falar bem, expressar-se com elegância, mas *apposite dicere*, falar de forma ajustada às circunstâncias, porque o seu fim é persuadir. Perpinhão não entende assim, por isso na edição revista de 1565 não hesita em reescrever o cap. I, introduzindo alterações que não são apenas de forma: muda a definição inicial, *ars uel doctrina dicendi*, para *ars uel doctrina benedicendi*, e substitui a penúltima frase do capítulo, *Dicere est ornate, grauiter et copiose loqui*, por uma frase completamente diferente, *Benedicere est optimis sententiis uerbisque lectissimis dicere*.<sup>23</sup>

Como se não tivessem passado os tempos do humanismo cívico, sublinha o P. Cipriano (outro tanto fará Tomé Correia), no cap. 2, *De utilitate dignitateque Rhetoricae*, a função política da *eloquentia*, porque segundo o *De oratore* a sua *dignitas* é companheira da *libertas* e da *tranquillitas*. Acentua, em clave platónica, a força psicográfica do discurso político, para excitar ou acalmar os ouvintes (*incitatio* e *moderatio*), ou a sua ação morigeradora no género epidíctico, na invectiva e no encómio (*uituperatio* e na *laudatio*). O orador perfeito, como o estadista ciceroniano, distingue-se por buscar a *Reipublicae salutem*<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Cf. *De arte rhetorica*, Comimbricae, apud Ioannem Barrerium, 1562, fol. 1r, com a revisão feita por Perpinhão em *De arte rhetorica*, Venetiis, apud Michaelem Tramezzinum, 1565, fol. 4r.

<sup>24</sup> Só num caso o P. Cipriano se afasta da teoria dos antigos, discretamente e em nome da *utilitas* valoriza a *amplificatio*, estendendo o seu tratamento por dez capítulos, enquanto modo

O ciceronianismo do P. Cipriano revela-se também na disposição, na economia, do compêndio; com o autor latino atribui papel principal à *inuentio* e à *elocutio*, procurando dar-lhes peso aproximado; na exposição das doutrinas estilísticas, mesmo quando se refere ao uso de *uerbis inusitatis*, de termos raros, ou de *uerbis nouis*, de neologismos (livro III, caps. 6-7), questão sensível no debate da *Tulliana imitatio*, o compilador mantém-se fiel às prescrições do *De oratore* e à prática ciceroniana, descurando os excessos dos ciceronianistas exclusivistas. O largo tratamento que concede ao estudo do período oratório e à teoria do ritmo da prosa, em dezasseis capítulos (fols. 94r-107v), em nada compromete a fidelidade ao Arpinate. Aliás, a questão do ritmo oratório sempre foi elemento central no debate da *Tulliana imitatio*. Não parece que se deva entender o *numerus* como concessão que abriria caminho à oratória barroca. Um dos pontos de discórdia na querela do ciceronianismo fora precisamente, como mostrou Kees Meerhoff, a questão de saber se ainda era possível imitar os *numeri* da prosa clássica. Eruditos como Strébee, mestre em Santa Bárbara e autor de um apreciado comentário ao *Orator*, estudaram a teoria antiga e o assunto interessava a retores latinos e vernaculares<sup>25</sup>.

Como lembrou Brian Vickers, «os manuais de retórica, sobretudo no séc. XVI, são textos práticos, e quando a prática muda mudam os manuais». Ora foi precisamente o facto de garantir a ortodoxia estética pela fidelidade aos clássicos, ordenando os seus preceitos de forma eficaz, que permitiu ao *De arte rhetorica* tornar-se texto oficial da Companhia; a sua natureza compendiária e elementar favoreceu a difusão: como não tinha forma definitiva, podia ser acrescentado ou resumido sob diversas formas. Assim, contando todo o tipo de versões, o *De arte rhetorica* entre 1562-1836 foi editado 207 vezes e por finais do séc. XVII já teria servido de manual a mais de cinco milhões de estudantes.

No entanto, apesar de tamanha difusão, o manual de Cipriano Soares quase nunca é citado pelos tratadistas posteriores. É verdade que o *De arte rhetorica* era elementar e que as obras monumentais que vieram depois, de Tomé Correia, Louis de Cressolles, Carlo Reggio, Nicolas Caussin, Dominique Bouhours, Gabriel LeJay, Jouvancy ou Domingos de Colónia tinham outros objetivos, todavia o motivo principal do esquecimento residirá mais natureza do livro do P. Cipriano e na própria natureza da retórica jesuítica no séc. XVI. Se por um lado ninguém ia citar um clássico através de uma antologia quando dispunha de edições originais, por outro em tempos do quinto Geral, do P. Claudio Acquaviva, na Companhia ainda a retórica era mais *disciplina* que *doctrina*, por um humilde

---

de persuasão dos afetos e exercício que convém ao discurso epidíctico (*proprium laudis est res amplificare et ornare*), género por ele privilegiado, vd. *De arte rhetorica* (1562), fols. 19v-25v.

<sup>25</sup> Vd. Kees MEERHOFF, *Rhétorique et Poétique au XVIe siècle en France. Du Bellay, Ramus et les autres*. Leiden, E. J. Brill, 1986, p. 8, J. LECOINTE, *L'ideal et la difference*, Genève, Droz, 1993, pp. 605-sqq..

e intencional apagamento do transmissor atual das doutrinas hauridas nos clássicos. A ortodoxia doutrinal precisava de uma teoria estética com vocação universal, que pudesse ser aplicada em qualquer parte do mundo, do velho e do novo, tão atual e atuante como longínqua e modelar. Tal fidelidade aos clássicos obrigava a manter uma concepção holística do saber, supunha o consenso dos autores, doutrinas isentas de particularismos, uma linguagem que permitisse a adesão entre o pensamento e a palavra<sup>26</sup>.

Por causa desta unidade de concepção, de base ciceroniana, os mestres da Companhia de uma maneira geral não se ocuparam de retóricas especializadas. Entre os autores das chamadas ‘retóricas borromeanas’ figuram dominicanos, franciscanos, jerónimos, clérigos seculares. Já os jesuítas parecem alhear-se da retórica eclesiástica, género que se afasta tanto do *sermo* medieval como do sermão moldado pela *oratio* clássica. A Companhia de Jesus em vez de uma missão concreta segue um ideal na missão, o *magis* inaciano, o serviço da Igreja no que for mais urgente, mais necessário e mais universal. Talvez daqui decorra a preferência por um corpo doutrinal mínimo, não histórico, pronto a usar em qualquer circunstância; talvez daqui provenha ainda a recusa das novidades dos modernos, o *nihil mutare sine ratione*, traços característicos do compêndio do P. Cipriano. Opõe-se o mestre jesuíta aos *nouatores*, aos manuais de Melanchthon e Ramus, mas também às retóricas que acolhiam tais novidades como sucedia nas artes de Vaseu e Ringelberg. Ao longo da obra, recusa tanto a redução ramista à *elocutio*, como a hipertrofia da *inuentio*, característica das retóricas de matriz agricoliana, divergindo tanto dos que querem acrescentar o *iudicium* às cinco partes canónicas como dos que, na esteira de Melanchthon, pretendiam acrescentar novos *genera causarum* (o género *didaskalicon* ou expositivo).

O manual do P. Cipriano está, por conseguinte, em perfeita sintonia com o ciceronianismo de Muret e Manuzio, com a ortodoxia estética depois tornada oficial pelo P. Acquaviva. Apesar do título, *De arte rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano praecipue deprompti* (Três livros de arte retórica tirados sobretudo de Aristóteles, Cícero e Quintiliano), Soares cita Aristóteles 37 vezes, Quintiliano 119 vezes, mas de Cícero oferece 410 citações. Se prevalece a grande distância a remissão para obra do Arpinate, também o seu uso é esclarecedor: há 245 citações dos tratados retóricos, 15 dos tratados filosóficos e 150 dos discursos, números que concordam com o propósito de sempre ilustrar os preceitos com o uso. Por fim note-se que dos tratados de retórica o mais solicitado

<sup>26</sup> Vd. L. FLYNN, «The *De Arte Rhetorica* of Cyprian Soarez», *Quartely Journal of Speech* 42 (1956) 367-374, «Sources and Influence of Soarez *De Arte Rhetorica*», *Quartely Journal of Speech* 43 (1957) 257-265, A. BATTISTINI, «I manuali di retorica dei Gesuiti», *La Ratio Studiorum. Modelli culturali e pratiche educative dei Gesuiti*, ed. G. Brizzi, Roma, Bulzoni, 1981, 77-120, B. VICKERS, «Some Reflections on the Rhetoric Textbook», *Renaissance Rhetoric*, ed. P. Mack, New York, St. Martin's Press, 1994, 81-102.

é de longe o *De oratore* (85 remissões), seguindo-se-lhe as *Partitiones* (38), o *Orator* (33), o *De Inuentione* (24), os *Topica* (21) e o *Brutus* (5). Por esta via, através do tratado formalmente mais platónico de Cícero, também nas classes em que se usava o compêndio do P. Cipriano se sentiria a frescura dos plátanos da Academia. Andrea Battistini chama a Cipriano Soares «ainda humanista». Mais justa me parece uma já antiga observação feita por Charles Sears Baldwin: «Quando o séc. XVI termina, a teoria clássica está inteiramente viva e a funcionar na *Ratio Studiorum* e na retórica de Soares».

## BIBLIOGRAFIA

- Andrieu, J., *Le dialogue antique. Structure et présentation*, Paris, Les Belles Lettres, 1954, caps XVI-XVII.
- Baldwin, C. S., *Renaissance Literary Theory and Practice*, New York, Columbia University Press, 1939.
- Battistini, A., «I manuali di retorica dei Gesuiti», *La Ratio Studiorum. Modelli culturali e pratiche educative dei Gesuiti in Italia tra Cinque e Seicento*, ed. G. Brizzi, Roma, Bulzoni, 1981, pp. 77-120.
- Calboli-Montefusco, L., «Cicerone, De oratore: la doppia funzione dell' ethos dell' oratore», *Rhetorica* 10 (1992) 245-259.
- Flynn, L., «The *De Arte Rhetorica* of Cyprian Soarez, S. J.», *Quarterly Journal of Speech* 42 (1956) 367-374.
- Flynn, L., «Sources and Influence of Soarez *De Arte Rhetorica*», *Quarterly Journal of Speech* 43 (1957) 257-265.
- Goerler, W., «From Athens to Tusculum. Gleaning the background of Cicero's *De Oratore*», *Rhetorica* 6 (1988) 215-235.
- Johansen, T. H. (ed.), *Productive Knowledge in Ancient Philosophy: The Concept of Technè*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021.
- Orban, M., «Réhabilitation de la Parole dans le *De Oratore* de Cicéron», *Antiquité Classique* 19 (1950) 27-44.
- Pereira, B. F., *Retórica e eloquência em Portugal na época do Renascimento*, Lisboa, INCM, 2012, pp. 455-874.
- Ruch, M., *Le préambule dans les œuvres philosophiques de Cicéron. Essai sur la genèse et l'art du dialogue*, Paris, Les Belles Lettres, 1958.
- Schüttrumpf, E., «Platonic Elements in the Structure of Cicero *De Oratore* Book 1», *Rhetorica* 6 (1988) 237-258.
- Vickers, B., «Some Reflections on the Rhetoric Textbook», *Renaissance Rhetoric*, ed. P. Mack, New York, St. Martin's Press, 1994, pp. 81-102.